# A permanência e a não permanência dos jovens na comunidade rural de Barra do Riachão[1]

Auta Luciana Laurentino[2]
Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida[3]
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

**RESUMO**
A dinamização dos espaços rurais, e a ocupação das pessoas nesses espaços, vem sendo tratada através de estudos nas várias áreas do conhecimento, entre estas nos estudos sobre as novas ruralidades. Este artigo integra uma pesquisa maior (Extensão rural, novas ruralidades e cotidiano em Barra do Riachão)[4]. O recorte que trazemos neste trabalho se volta para uma pesquisa entre alguns jovens, onde procuramos desvelar através do discurso presente nas entrevistas os caminhos trilhados de forma distinta por duas jovens da comunidade de Barra do Riachão, envolvidas numa atividade de produção artesanal, que tomaram decisões diferentes acerca da sua manutenção no local de origem. Trabalhamos com a inferência do papel das políticas públicas nas decisões dessas jovens.

**PALAVRAS-CHAVE:** novas ruralidades; cotidiano; êxodo rural.

## 1. INTRODUÇÃO

Apresentamos neste trabalho um estudo sobre as novas ruralidades, em que discutimos a relação da permanência e da não permanência dos jovens no espaço rural. A pesquisa tem como *lócus* a comunidade de Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, distante em 149 km da capital pernambucana, Recife. Este artigo integra uma pesquisa maior (Extensão rural, novas ruralidades e cotidiano em Barra do Riachão), que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, sob a orientação da Professora Dra. Maria das Graças Ataíde de Almeida. Configura-se a partir de um grupo de pessoas que produz artesanato com a

[1] Trabalho apresentado ao GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa da Intercom, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX / UFRPE. E-mail: autall@yahoo.com.br
[3] Pós-doutora pela Universidade de Coimbra-PT e Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. E-mail: ataide@hotlink.com.br
[4] A pesquisa extensão rural, novas ruralidades e cotidiano em Barra do Riachão, vem sendo desenvolvida a nível de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, sob a orientação da Professora Dra. Maria das Graças Ataíde de Almeida.

técnica da rede de pesca, atividade não-agrícola, com o objetivo de gerar renda para as famílias, de forma que possam melhorar a qualidade de vida e assim permanecer na sua comunidade.

Trazemos as experiências de duas jovens, com idades de dezoito e dezenove anos, que ao concluírem o ensino médio, na própria comunidade, depararam-se com a necessidade de decidir o quê fazer a partir daquele momento. Fomos até a comunidade e utilizamos como instrumento de pesquisa, a entrevista semi-estruturada, a qual resultou na coleta dos dados. As entrevistas foram aplicadas as jovens, utilizando-se o recurso de gravação em áudio, por meio de um contato direto que possibilitou a compreensão das falas de forma espontânea, que contribuiu para a realização posterior das análises.

Este procedimento de pesquisa, em que utilizamos a entrevista, condiz com a abordagem de Szymanski (2004) a qual considera que esse instrumento permite uma interação social, possibilita a organização das ideias, traz recortes de experiências, consente o repasse de informações, além de dar a oportunidade ao entrevistado de falar e de ser ouvido. A entrevista é um encontro provocado pelo pesquisador, ator social, na qual são produzidos discursos, dos atores envolvidos, que terão relevância e contribuição para a resposta do problema a ser pesquisado. Assim sendo, para Szymanski

> [...] a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação. A intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações; pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se abra. [...] A concordância do entrevistado em colaborar na pesquisa já denota sua intencionalidade – pelo menos a de ser ouvido e considerado verdadeiro no que diz - , o que caracteriza o caráter ativo de sua participação, levando-se em conta que também ele desenvolve atitudes de modo a influenciar o entrevistador (Szymanski, 2004, p. 12).

Dar aos atores sociais a oportunidade de falar, os quais muitas vezes foram ignorados, até mesmo pelas ciências sociais, segundo Boaventura de Sousa Santos (2008), possibilita-nos uma aproximação com o conhecimento prático e, desta forma, permite-nos ampliar a concepção sobre os fatos. No seu livro As vozes do Mundo: reinventar a emancipação social para novos manifestos, Santos apresenta catorze

entrevistas de atores sociais de seis países (da África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia, Moçambique e Portugal), trabalhando com o conceito de senso comum, como um conceito que anda concomitante com o conceito de conhecimento científico. Santos afirma ser o conhecimento científico limitado, apesar de toda a sua relevância, ele representa apenas uma das formas de conhecer o mundo

> [...] o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos não científicos, tornará possível uma compreensão mais ampla do mundo e uma complementaridade entre conhecimento científico e não científico na tarefa de reinventar a emancipação social (SANTOS, 2008, p. 15).

Neste processo metodológico, após a coleta dos dados, conforme caracteriza uma pesquisa qualitativa, entramos na análise da produção de discursos a partir da sua desconstrução, em que categorizamos as experiências cotidianas das jovens envolvidas nesse estudo. Dessa forma, apresentamos como categorias da pesquisa, as novas ruralidades, o cotidiano e o êxodo rural.

Na contextualização deste espaço rural, vimos que Barra do Riachão é uma comunidade que possui 772 habitantes, segundo dados do segundo Censo Demográfico de 2000, IBGE (2000), os seus integrantes sobrevivem da agricultura e da pesca de subsistência, do artesanato e dos programas de apoio do governo (Programa do Leite, Bolsa Escola, Vale Gás, Programa de Saúde da Família, entre outros). Dispõe na sua infra-estrutura de energia elétrica, abastecimento de água e de algumas ruas calçadas. Em termos de instituições, organizações e comércio, possui uma associação, a Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente, duas igrejas, sendo uma católica e outra evangélica, uma unidade dos correios, um Posto de Saúde da Família (PSF) e uma escola pública, a Escola Intermediário Vitória Tenório Vaz, além de alguns pontos de comércio.

Trata-se de uma comunidade que tem como tradição a produção artesanal da rede de pesca. Através das atividades agrícolas e das não-agrícolas, a comunidade vem recebendo ações de instituições governamentais e não governamentais[5] com o objetivo de estimular a geração de renda local e a manutenção das famílias em seu lugar de origem. A produção artesanal é uma das vertentes trabalhadas na Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente. Essa atividade envolve um grupo, em sua

[5] Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (através do Programa Conexões dos Saberes, do Departamento de Design e do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social - NUSP com o Projeto Municípios Saudáveis), Agência de Cooperação Internacional do Japão - JICA, e Prefeitura da cidade de São Joaquim do Monte.

maioria de mulheres, de trinta artesãos, que através da parceria com a UFPE (NUSP/ Conexões dos Saberes/ Departamento de Design) vem divulgando e comercializando os seus produtos. Estes produtos tiveram uma intervenção de *Design*[6], que a partir desta ação começou a envolver jovens moradores da comunidade na produção artesanal. Foi com a técnica do ponto de rede de pesca que o grupo de dezesseis artesãos e a equipe de *design* desenvolveu produtos utilitários e decorativos, os quais estão sendo inseridos no mercado e de forma gradativa estão promovendo um retorno financeiro mais efetivo para o grupo. Grupo que hoje se chama Arte Calango.

As duas jovens, que trazemos para este estudo, fazem parte desse grupo de artesãos da Associação local. A mãe de uma delas é a presidente desta Associação e sempre que nos encontramos o discurso da não permanência da sua filha na comunidade apresenta-se muito forte. Ao mesmo tempo, uma delas permanece na comunidade por ter tipo à oportunidade de estar num curso universitário de uma faculdade privada, em uma cidade vizinha.

## 2. NOVAS RURALIDADES, COTIDIANO E ÊXODO RURAL

A categoria das novas ruralidades aponta para as novas ocupações das pessoas, nos espaços rurais. Assim, buscamos suporte nas teorias abordadas por Del Grossi e Silva (2002), que trazem, essencialmente no texto O Novo Rural: uma abordagem ilustrada, os processos de transformações que ocorreram no meio rural brasileiro, a partir dos anos 80, denominado de "Novo Rural". São atividades voltadas para o setor econômico, algumas delas seculares e antes pouco valorizadas, que integram os três grandes grupos desta produção, em que temos: uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e ligada às agroindústrias; um conjunto de atividades não-agrícolas e um conjunto de novas atividades agropecuárias. Essas atividades estão fortalecendo o meio rural, através das novas ocupações e novas atividades agrícolas e não-agrícolas, as quais geram emprego e renda, tornando o espaço rural um espaço que rechaça o êxodo para a cidade. Tais atividades levam as famílias que trabalham com atividades agrícolas para

[6] Esta ação atende a um grupo de artesãos de Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, e envolve programas de instituições governamentais como a Universidade Federal de Pernambuco através do Programa Conexões dos Saberes e do NUSP - Núcleo de Saúde Pública, além da Prefeitura desta cidade. Este projeto de intervenção, do qual participei como voluntária, tem seu embrião desde julho de 2007, sendo agora trazido como trabalho de pesquisa ao PPG - Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

as pluriativas, e depois para as não-agrícolas, revelando a importância das fontes de rendas não-agrícolas no espaço rural.

Este tema também é trabalhado por Froehlich (2002), em que trata sobre a ressignificação dos discursos sobre o espaço rural, com a revalorização deste espaço. Todavia, chama a atenção para o cuidado com os trabalhos escritos sobre o tema, que tratam as atividades não-agrícolas como fenômeno para o desenvolvimento rural, questionando o cuidado com os impactos da transferência de atividades para o rural, que atuam nos processos cotidianos, que podem muitas vezes obrigar a população rural, principalmente os agricultores familiares e trabalhadores agropecuários, a se adaptarem a novas situações sociais, através de imposições ou intervenções exógenas, que nem sempre lhes são favoráveis nos jogos de força sociais.

A relevância dos estudos sobre o rural fica claro quando vemos em Brose (2004) que no Brasil cerca de um terço da população nacional, 81% dos municípios, são essencialmente rurais. Este autor enfatiza que nesta análise o meio rural não é apenas agrícola, com isso temos uma das maiores populações rurais do mundo. No entanto, esta mesma população não tem acesso à terra e à educação pública de qualidade. Brose acentua a inoperância do paradigma de desenvolvimento rural, que tem seus cânones a produção voltada para o setor agrícola, não obteve resultados para a melhoria na qualidade de vida destas populações e não reduziu a pobreza.

No que se refere ao debate teórico sobre juventude e juventude rural apresentamos as observações de Castro (2005) que aborda os paradigmas relacionados à juventude numa transição da infância à vida adulta, em detrimento da análise da categoria como ator social e da construção de identidades sociais. Também nos reportamos a Abramovay (1998) através da sua abordagem sobre as mudanças ocorridas nos processos de sucessão em regiões de predomínio da agricultura familiar do sul do Brasil, e procura sugerir a inserção de políticas que possibilitem a ampliação e as oportunidades de realização profissional dos jovens no mundo rural, de forma que venha a contribuir para o estímulo ao desenvolvimento no campo. Afirma em seu trabalho que um dos passos mais importantes neste sentido é a valorização de atividades rurais não agrícolas, principalmente para que as jovens mulheres rurais passem a ter interesse pela vida no campo, libertando-as, dessa forma, da necessidade de praticar a atividade agrícola, pois em sua pesquisa pôde observar que

> As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes. Este "viés de gênero" no êxodo rural não parece estar ligado a oportunidades particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como ao papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores (ABRAMOVAY, 1998, p. 16).

Dentre as várias pesquisas e estudos realizados sobre os jovens rurais, destacamos a pesquisa realizada no Estado de Pernambuco, por Wanderley (2007), em que contou com a participação de 615 jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, moradores das zonas rurais de Glória do Goitá (Zona da Mata Norte), Orobó (Agreste Setentrional) e Ibimirim (Sertão do Moxotó). Esta pesquisa apresenta os desejos dos jovens em relação ao futuro, no que diz respeito ao lugar onde gostariam de morar e a profissão que gostariam de desempenhar. Várias informações importantes emergem nesta pesquisa, uma delas explica que mesmo com todos os problemas e limitações no campo, a vida no espaço rural é, de forma positiva, valorizada por uma boa parcela de jovens. Proporciona também, muitos dos fatores que levam os jovens a escolherem o local para viver, e revelam

> Os aspectos positivos aventados dizem respeito às raízes pessoais, aos laços familiares e de amizade, à proximidade da natureza e à qualidade da vida no campo. [...] Os aspectos negativos, que justificam a recusa de muitos outros a permanecer no meio rural apontam, sobretudo, para as carências da vida local e, de modo especial, a falta de alternativas profissionais, que garantem, no local, oportunidades de emprego e renda, na agricultura ou fora dela. [...] Porém, as atividades não-agrícolas, fora do estabelecimento familiar, que foram indicadas na pesquisa são, salvo algumas exceções, igualmente muito precárias, incapazes de abrir para os jovens, novos campos profissionais (WANDERLEY, 2007, p. 33).

> Nestas circunstâncias, poder vivenciar "o melhor dos dois mundos" é, sem dúvida, um desejo dos jovens, mas que se inscreve, aqui, sobre um modo utópico e constitui mais uma demanda do que, propriamente, uma realidade concreta. Estas demandas parecem claras e fortes: para uns, poder permanecer no meio rural e encontrar, no espaço local, um campo de realização pessoal e profissional, na própria atividade agrícola ou fora dela; para outros, ter acesso aos meios que permitam a realização de um outro projeto de vida, no local ou fora dele – ser médico, advogado, bailarina, jornalista etc. Para todos, o desejo de vencer o isolamento, integrando, efetivamente, o meio rural à sociedade brasileira, para o que o acesso à educação é a principal demanda (Idem, 2007, p. 33).

A maior aspiração dos jovens está diretamente relacionada a trabalho e a remuneração, por isso os atrativos da vida urbana são convidativos, além das alternativas de lazer e estudos. Determinadas escolhas profissionais já demonstram a prioridade pela migração

> [...] dos que pensam em deixar seu local de origem: 33 (28,7%) querem tornar-se empresários, administradores ou abraçar profissões liberais; 21 (18,3%) pretendem trabalhar na educação ou na saúde; 18 (15,7%) querem ser esportistas, modelos ou artistas; 16 (13,9%) desejam seguir um ofício (serviços autônomos). Deste conjunto, 87 jovens (75,7%) não acreditam que possam realizar seu projeto profissional em sua comunidade (Idem, 2007, p. 29).

As oportunidades que surgiram para as duas jovens, na nossa pesquisa, foram bem diferentes. A nossa primeira entrevistada tem hoje dezoito anos, nasceu em Ibimirim[7] e morava em Barra do Riachão com a sua família desde os sete anos de idade. Sem ver perspectivas na sua comunidade, ao concluir os seus estudos do ensino médio, decidiu ir passar um tempo, indeterminado, em São Paulo. Como já tinha uma irmã trabalhando nesta cidade, entendeu como uma conveniência de mudar de vida e de arrumar um trabalho. Para ela, naquele momento, foi o mais interessante a fazer. Estivemos conversando com a nossa entrevistada dias antes da sua viagem. Ao falar da sua ida para São Paulo, durante nosso encontro, ela apresentava-se muito nervosa, os seus lábios tremiam, mas ao mudar de assunto, percebíamos que a sua reação também mudava, ficava mais calma.

Na entrevista[8] ela nos falou que ia ficar apenas até o mês de junho e que o seu objetivo era passear, conhecer novos lugares e novas pessoas. Procuramos saber dela, quais as suas ocupações no período em que estava concluindo o ensino médio, nos disse o seguinte "assim, no momento tava fazendo artesanato, né?! Mas não é uma coisa diretamente". Vimos na sua resposta, que mesmo com a inserção de novas peças artesanais, que mesmo com toda a visibilidade que o grupo de artesãos está construindo no mercado e na comunidade, ela não considera este tipo de atividade uma forma de geração de renda e sustentabilidade para o grupo, e, principalmente, para ela. Mesmo assim, considera que a ação de design "gerou um impacto no começo e mexeu com as pessoas e deixou as pessoas mexidas, com certeza. Plantou uma semente e está acontecendo essa semente, ainda está...".

[7] Situada no Sertão do Moxotó, distante 339 km do Recife.
[8] Entrevistamos as duas jovens no dia 22 de março de 2010, na comunidade de Barra do Riachão.

No nosso diálogo, quando pedimos para ela descrever a sua relação com o seu local e com as suas amizades, tivemos a seguinte descrição "eu me divirto com as pessoas, é legal, um lugar calmo, conhece todo mundo, não é morar em cidade grande que as pessoas mal conhece as pessoas, aqui conhece todo mundo". Vimos nessa resposta, que ela tem consciência das dificuldades as quais encontrará na cidade grande, como também nas relações interpessoais nesse contexto. Em relação às amigas, falou "agente, assim, eu e o grupo das minhas amigas agente vamos pra igreja, à noite sempre no sábado, a igreja católica, vamos pra igreja e depois agente fica conversando, não tem mais nada pra fazer". Estas colocações, acerca do cotidiano, nos leva a fazer uma analogia da comunidade como um bairro, citando o conceito de Michel de Certeau (2008) em que apresenta o bairro como o lugar no qual as pessoas se reconhecem, que apresenta um sentimento de pertença. Para Certeau, o bairro é "um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido" (Idem, 2008, p. 40) e complementa dizendo que se trata de um "pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência" (Idem, 2008, p. 41).

Essa ruptura, com o seu lugar de origem, está diretamente ligada a falta de oportunidade de trabalho e também de continuar estudando. Ao perguntarmos o quê ela faria para mudar a realidade da sua comunidade, caso tivesse um cargo de gestor público, com o poder de decisão, expôs

> Assim, primeiramente eu tentaria investir em algo pros jovens aqui. Como assim... Está certo que o estudo daqui é bom, eu tentaria trazer mais concursos, pré-vestibular pra os jovens tentar estudar mais um pouco, fazer um pré-vestibular pra tentar um vestibular na federal, nas faculdades, porque muitos daqui terminam o ensino médio, o terceiro ano e param, não ligam mais pra estudar. Pensam que terminam os estudos, terminando o terceiro ano. Mas não, tem o estudo todo pela frente, mais param (Entrevistada 1 - entrevista cedida em 22 de março de 2010).

Durante a convivência com as pessoas da comunidade, percebemos o quanto a Escola Intermediário Vitória Tenório Vaz tem um papel importante, é quase unânime esse reconhecimento, até por se tratar da única escola do local. Mesmo considerando uma ótima escola, a nossa entrevistada, mostrou-se um pouco desapontada, fez algumas críticas em relação a comunicação da gestão com os alunos

> E tem uma coisa, assim, eu estudei lá, me formei o ano passado, terceiro ano, né?! Ai o ano passado era fundamental fazer o ENEM, ai, a direção do colégio, que era pra chegar nas sala avisando que as inscrições estava aberta, por que só era a internet, acesso a internet, ai isso era pra chegar na sala comunicando agente, principalmente agente que era terceiro ano, que agente tava precisando mais do que o primeiro ano, segundo ano, mas não, não chegaram pra comunicar a meus colegas de classe. Eu me inscrevi por que eu vi na televisão, meus amigos na rua me informaram, e tal, e eu fiquei sabendo, mas a maioria da minha turma não se inscreveram. Eu acho que a direção do colégio era pra ter informado agente, estimulado, olha gente vai se inscreve, estuda mais um pouco, mas não, não chegam a comunicar isso agente. Eu acho tá, é tão legal o estudo daqui, melhor do que o da cidade, os pessoal comenta, mas isso foi um ponto fraco da direção (Entrevistada 1).

Diferente da nossa primeira entrevistada, a segunda jovem demonstrava um grande entusiasmo. Hoje com dezenove anos de idade, solteira, veio de São Paulo com quatro anos de idade. Integra o grupo de artesanato da comunidade, é uma das responsáveis pela divulgação dessa atividade em eventos e feiras. Passou no vestibular pelo Pro Uni[9] no curso de Comunicação Social com Habilitação em Propaganda e Publicidade, de uma faculdade privada na cidade de Caruaru. O fato de estar entrando no curso com um mês e meio de atraso, por causa da burocracia, não tirava a sua empolgação. A integração neste curso universitário possibilitou a sua permanência na comunidade, pelo menos nesse período de faculdade, junto a sua família. Nossa segunda jovem vai poder realizar seus estudos por causa do sistema de seleção do Pro Uni, ou seja, por causa da efetivação de uma política pública para o setor da educação, voltada para os jovens. Ela nos explicou o motivo do atraso para a sua entrada

> Por que é assim que funciona. Se eu tivesse passado na primeira chamada eu tinha entrado normal como todos os alunos, só como eu passei na segunda chamada, ai, o quê acontece? Eu vou entrar com um mês e meio atrasada, eu vou ter que correr atrás do tempo perdido. Ai, e ainda teve uma burocracia tão grande, a pessoa pensa que, às vezes eu achei que fosse mais fácil fazer a prova do que tentar juntar toda aquela documentação, minha filha. Só porque eu me inscrevi, assim, que eu era parda, o quê é pardo? Mulato, ai o quê acontece? Você tem que, ai, perguntava lá se eu queria entrar na cota de pardos, indígenas e negros, ai eu tive que bater uma declaração que eu era parda e reconhecer firma em cartório pra puder eu levar lá. Se não, não funcionava. Menina é impressionante isso. É porque eu tive que

[9] O Programa Universidade para Todos (ProUni) tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior. http://siteprouni.mec.gov.br/como_funciona.html. Acesso em 17.06.2010.

> arrumar... ai, foi cinco opção que eu tive e eu passei na última. E só tinha uma vaga (Entrevistada 2 - entrevista cedida em 22 de março de 2010).
> .

Percebemos que esta oportunidade de fazer um curso universitário era muito desejada. No nosso diálogo, a segunda entrevista explica que até tentou trabalhar numa cidade vizinha e não deu certo. Porém, como não dava para conciliar trabalho e estudo para ela seria um esforço sem validade

> Eu comecei numa loja, mas não passei mais que uma semana. Eu não sei por que, mais o cara de lá, né?! O meu chefe falou que eu não tinha dado aquilo que ele esperava. Infelizmente, mas é normal. Com isso agente cresce na vida. Ai, era sobre foto, *fotoshop*, ai o que acontece, eu vi que você trabalha, ai tinha que pagar aluguel, pagar água, luz, você tinha que tentar se sustentar com um salário mínimo, e no final só ia dar pro trabalhar, trabalhar, trabalhar e não estudar nada. Então eu não ia crescer em nada, ia morrer de trabalhar e não ia crescer em nada, então eu vi que isso pra mim não dava certo. Ai, aqui em casa não dá, eu não tenho condições de fazer cursinho. O quê que eu fui fazer? Eu fui estudar, eu tenho o tempo livre porque eu não ia estudar? Então, eu estudava, eu lia, e faço isso sempre. Porque a minha mãe sempre pegou no meu pé pra estudar, na minha casa todo mundo estudou, até que a minha irmã ganhou uma bolsa, ela é formada, pedagoga, pela UPE de Nazaré da Mata. Vê que ela está formada vai fazer dois anos e ela não conseguiu emprego por aqui. Por que se ela esperar por prefeitura ela não consegue, então ela está fazendo concurso (Entrevistada 1).

Quando abordamos, a nossa segunda entrevistada, em relação ao que poderia melhorar na comunidade de Barra do Riachão, ela foi enfática quanto à necessidade de investimento em educação e explica como funciona o sistema político do lugar

> Olha, a educação. [...] Tem que ser a educação melhorada, mas é, é porque é assim, o pessoal acha hoje, aqui em Barra do Riachão, que a mentalidade é pequena, acha que a única coisa, que o político vem aqui pinta e borda, e continua a mesma coisa. A politicagem, por ser um lugar pequeno, é muito ruim. É algo muito nojento, não sabe?! Porque se você for depender de prefeitura aqui você não anda, ou você é do lado do prefeito ou você não é. O pessoal gosta de falar que tem uma viúva em São Joaquim que todo mundo gosta de casar com ela, é a prefeitura. De quatro em quatro ano ou ela troca de marido ou continua no mesmo. E ninguém gosta de soltá-la. Ai, é... O que movimenta muito aqui é a política. Então o povo aqui vive disso, ou de emprego de prefeitura ou de aposentadoria de algum familiar da pessoa. E se os pais não dão condições aos jovens eles vão embora pra São Paulo. Uns porque querem e outros porque acham que..., por exemplo, eu ganhei a bolsa, não acreditava que eu ganhava, a outra pessoa que ganhou a bolsa através do ProUni também, foi o meu primo, isso faz dois anos, então todo mundo aqui, muita gente diz: vou

> fazer o ENEM pra quê?! Eu não vou ter nem... eu não tenho condições de passar, isso passou Jean por que Jean é cdf, mas eu achava que eu ia ser um pingo no oceano, que eu não ia conseguir, mas eu consegui. Isso é normal, ai quando não vai pra São Paulo vai pra Caruaru. Eu já fui pra Caruaru e vi que não dar certo, você trabalha, se esgoela, pra no final... (Entrevistada 2).

O êxodo dos jovens da comunidade de Barra do Riachão, para outras cidades da mesma região, capitais e grandes centros urbanos, é uma realidade e está presente nas falas das mães e dos próprios jovens que nela permanecem. As nossas jovens estavam juntas no momento da entrevista, como também um tio delas. Este tio pediu a palavra para colocar a sua opinião sobre a questão da imigração das famílias para São Paulo. Segundo ele

> Agora, dá licença pra eu dizer uma coisa? Mas é como diz a estória, São Paulo, já foi São Paulo. É melhor agente viver uma vez só aqui do que viver duas vezes em São Paulo. Sabia disso? Por que teu pai já foi lá e hoje não é mais, São Paulo é hoje um lugar que o povo mais passa fome, por que quantos têm em São Paulo tudo desempregado, não é? O seguinte é esse. Quanto tempo teu pai passou em São Paulo? [...]
> Agora vou dizer uma coisa: << teu pai lá em São Paulo não conseguiu nada, ele conseguiu alguma coisinha aqui>> Logo por que quando ele chegou aqui, ele tinha um padrinho forte que deu toda cobertura a ele, estás vendo? Foi o único jeito. Não tem esse que teve sucesso, aqui ninguém.

Esta fala deixou a primeira entrevistada apreensiva. Já a segunda entrevistada concordou, acrescentou a posição dos jovens e continuou

> O quê acontece? É você... Quando eu digo a educação, por que os jovens, muitos, há uma grande maioria que agente conhece que está em Caruaru outros foram pra São Paulo e eles não vêem outra alternativa. Eles não pensam em estudar pra tentar melhorar. Ai, muitos depois quando começa a trabalhar, que começa tá dentro da cidade grande é que começa a perceber a falta do estudo que eles têm. Por que o tempo que eles estão aqui eles não percebem isso. Eles têm a escola ai, a escola não é o melhor ensino, é, dizem que é o melhor ensino da região. Mas, ela não dá todo suporte, então você tem que correr atrás, você tem que procurar, tem informações aqui que os jovens nem sabe, por exemplo, muitos perguntam a mim, você faz o ENEM e depois faz uma prova pro ProUni? Só que não é, é só a nota do ENEM você se inscrever no ProUni. Então é o tipo de informação que é básico, era pra todos saberem, porque era pra correr atrás, só que eles não se interessam (Entrevistada 2).

Além da faculdade, percebemos que a segunda entrevistada enxerga mais uma possibilidade de crescimento, junto ao grupo que produz o artesanato. Segundo ela, a ação de intervenção em design, despertou esse interesse, pois antes não dava valor a

essa atividade "montar o artesanato, uma coisa que eu não sabia fazer, que é da cultura da minha mãe, mas não era a minha". Explica-nos como surgiu seu interesse

> É. Comecei fazer pra... Porque crochê você não ver crescer, eu tenho pavor de crochê, eu faço, faço, faço e não vejo crescer e rede não você vai e num instante você faz. Então aquilo foi me estimulando, isso foi me estimulando. Foi tentando que eu sonhasse um dia entrar na federal, conhecer pessoas da federal e saber que eu sou capaz e poder fazer. Isso me, nossa... melhorou em mim 100%. Enquanto o pessoal estava pessimista achando que não conseguia, eu achava que eu ia conseguir, eu tava ali, achava que eu ia conseguir. O artesanato me fez conhecer outros lugares, outras pessoas, fui pra feira de artesanato, é... conheci coisas que eu nunca saberia que poderia fazer com tal coisa, por exemplo, os brincos de escamas de peixe [...] (Entrevistada 2).

Mesmo com todos os avanços, na prestação de serviços, através da presença de instituições governamentais e organizações não-governamentais, na inserção de propostas políticas, programas e ações para a juventude rural, além das muitas discussões sobre as ocupações das pessoas nos espaços rurais, vimos nesta pesquisa, o quanto estamos longe de atingirmos o desenvolvimento desejado desses espaços. De forma que estimule a promoção da satisfação das necessidades dos indivíduos e, assim, a manutenção desses nos seus espaços de origem. Nesse contexto, percebemos o quanto se faz necessário promover mais debates nacionais sobre a juventude rural brasileira.

Recorremos à fala de Carneiro (2007), ao abordar sobre os desejos dos jovens, no tocante a busca pelas suas realizações, seja no espaço urbano, seja no espaço rural

> Permanecer ou voltar para o campo não significa necessariamente uma derrota ou um fracasso para o jovem, mas pode ser resultado de uma escolha motivada pelo desejo de manter um padrão de vida possibilitado pelo fato de morar com a família, junto de amigos e parentes, compartilhando os mesmos códigos e valores, mas também ter acesso a determinados bens materiais e simbólicos que, até recentemente, só eram disponíveis nas cidades (CARNEIRO, 2007, p. 60).

A nossa primeira entrevistada viajou para São Paulo com a perspectiva de voltar em junho e isto não aconteceu, pois ela continua lá e não sabemos quando e se volta. Já a segunda entrevistada, sentiu muita dificuldade no começo do curso universitário, por ter entrado com um mês e meio de atraso, mas agora, com a sua situação normalizada, está acompanhando todas as atividades de forma satisfatória. Contudo, mesmo cursando uma faculdade, ou seja, uma realização profissional, ela sabe que os desafios pela frente serão muitos, pois, na sua própria família tem uma irmã que concluiu o curso de

pedagogia, isso já faz dois anos, e não consegue trabalho, então, ela estuda para fazer concursos, inclusive para outras cidades.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. ABRAMOVAY, Ricardo (coordenador) In: *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios***.** Brasília: Edições UNESCO, 1998.

BROSE, Markus (organizador). *Participação na Extensão Rural: experiências inovadoras de desenvolvimento local*. Porto Alegre: Tomo editorial, 2004.

CARNEIRO, Maria José. *Juventude e novas mentalidades no cenário rural*. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (organizadoras). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre ficar e sair*: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate. UFRRJ, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEL GROSSI, Mauro Eduardo e SILVA, José Graziano da. *O Novo Rural: uma abordagem ilustrada*. Londrina: IAPAR, 2002.

FROEHLICH, José Marcos. *Turismo Rural e Agricultura Familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local*. São Paulo: INTERCOM; Recife: Bagaço, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *As vozes do mundo: reinventar a emancipação social para novos manifestos*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

São Joaquim do Monte. http:www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em 18.07.2009.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.), ALMEIDA, Laurinda Ramalho e BRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro, 2004.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro*. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (organizadoras). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.